

EXPERIÊNCIA EM CAPACITAÇÃO DE TÉCNICOS DA ATER EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS

Joanne Régis da Costa¹; Silas Garcia Aquino de Sousa¹; Jeferson Luiz V. De Macêdo¹; Adelaide Moares da Mota²; Elisa Vieira Wandelli¹

¹Embrapa Amazônia Ocidental, C. Postal, 319, 69010-970, Manaus-AM, e-mail: joanne.regis@cpaa.embrapa.br;

²adelaidemm@hotmail.com

Antigas práticas tradicionais sustentáveis de uso da terra estão sendo resgatadas e otimizadas, como aquelas que compõe a agricultura biodinâmica, permacultura, sistemas agroflorestais e outras práticas de base ecológica que contemplam também a dimensão econômica e social como partes inerentes a um sistema produtivo sustentável.

Neste contexto, ações de capacitação de técnicos com pouca treinamento nessa área, são importantes para o enfrentamento da complexidade dos sistemas produtivos e da agroecologia. Tais ações contribuem para o desenvolvimento sustentável, pois dão apoio à mobilização e organização das comunidades rurais com orientação e construção de informações capazes de beneficiar os agricultores, potencializando a produção agrícola de cada propriedade/comunidade.

Neste trabalho, são discutidas as metodologias e os resultados de oficinas de capacitação em sistemas agroflorestais oferecidas pela Embrapa Amazônia Ocidental a técnicos da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) atuantes na capital e no interior do Estado do Amazonas.

O interesse da Embrapa Amazônia Ocidental em capacitar técnicos extensionistas na concepção de sistemas agroflorestais partiu da necessidade de se ampliar a formação de multiplicadores nesta área, para que possam atuar na aplicação, no desenvolvimento e na avaliação de sistemas agroflorestais em propriedades rurais da agricultura familiar no Estado do Amazonas.

Foram realizadas duas oficinas, sendo a primeira em Coari e a segunda em Manacapuru, ambos municípios do Estado do Amazonas. As oficinas foram formatadas com aulas práticas e teóricas, nas quais foram abordados os principais conceitos, as práticas agroflorestais, as metodologias para o diagnóstico e delineamento de intervenções agroflorestais, além das experiências de produtores com sistemas agroflorestais, bem como os resultados de pesquisa desenvolvidos pela Embrapa Amazônia Ocidental.

A parte prática procurou facilitar a assimilação dos princípios e conceitos abordados para fortalecer o aprendizado e aumentar a possibilidade de adoção das práticas agroflorestais.

Em ambas as oficinas, foi enfatizado o intercâmbio de experiências, a troca de saberes entre capacitadores e treinandos, de forma a enriquecer e ilustrar os assuntos tratados, bem como esclarecer as questões levantadas.

A abordagem metodológica utilizada baseou-se em um enfoque construtivista, visando a formação de competências, mudanças de atitudes que contribuam para o paradigma desenvolvimento rural sustentável. O construtivismo tem a percepção de que as pessoas têm sua própria visão de mundo e que cada uma constrói sua própria história, operando no domínio das múltiplas realidades.

Procurou-se contemplar os quatro pressupostos pedagógicos da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e publicações do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA/UNESCO), que são: a) planejamento participativo do processo instrucional, dialogando com o grupo social a ser instruído e internalizando sua cultura, conhecimento popular, hábitos e expectativas legítimas; b) abordagem interdisciplinar; c) atividades ou tarefas instrucionais baseadas em metodologias de projetos; d) avaliação da aprendizagem pela simulação de fatos reais e sua solução (De-Paula & Pedrini, 1998).

No total, foram capacitados 39 técnicos de 10 instituições, entre secretarias estaduais e municipais, ONGs e associações de produtores. Os técnicos provinham de Manaus, Coari, Manacapuru, Iranduba e Nova Olinda do Norte. A maioria (59%) deles são graduados em áreas como Biologia, Agronomia, Eng. Florestal e Geografia. Quanto à origem, em sua maioria (41%), eram naturais de municípios do interior do Estado e 56% deles atuam com comunidades rurais, o que evidencia a importância dos temas tratados e da metodologia utilizada, com ênfase em abordagens participativas.

Apenas 33% dos técnicos já haviam participado de outro treinamento na área de sistemas agroflorestais. Outros cursos foram oferecidos pelas instituições onde atuam, mas abordavam outros temas e 56% dos técnicos costumam participar desses cursos anualmente.

Nas oficinas, os instrutores abordaram a necessidade de se desenhar intervenções agroflorestais a partir do conhecimento e da análise dos agroecossistemas, com base num enfoque holístico e integrador de estratégias de desenvolvimento, adotando bases tecnológicas da agricultura conservacionista. Observou-se que essa abordagem contrariava muitas informações recebidas e adotadas pelos técnicos na transferência dos pacotes tecnológicos. O diagnóstico agroflorestal participativo foi o instrumento utilizado para efetuar essa abordagem de intervenção. Com esta ferramenta, o técnico pode conhecer as características específicas de cada situação e, logicamente, propõe alternativas diferentes para cada uma delas. Os diagnósticos agroflorestais identificam os problemas, as potencialidades de cada propriedade agrícola, inclusive, as práticas sustentáveis já realizadas pelos agricultores. Isso permitiu aos alunos perceberem que, não existem receitas para a elaboração de sistemas agroflorestais; não existem modelos a serem copiados, mas princípios e metodologias que podem ser aplicados.

Uma das decisões importantes que o técnico precisa tomar é qual o tipo de olhar que ele quer ter: aquele olhar pré-concebido, que não é afetado pela realidade local ou um olhar que vai se definindo, à medida que olha, ouve e conversa com o produtor. Se o trabalho a ser feito é para os agricultores, deve-se procurar ouvi-los, entendê-los e respeitar seus planos. As decisões finais relacionadas às alternativas de uso da terra devem ser tomadas por eles.

Alguns aspectos foram fortemente enfatizados, como: a importância da participação do agricultor em todas as etapas do projeto; a valorização do saber tradicional; a elevação da auto-estima e a ampliação dos conhecimentos quanto às questões ambientais.

O pensamento discutido considerou, sobretudo, as relações de cooperação, aceitação mútua, valores éticos, ambientais e humanos como base para coexistência das pessoas. Numa relação participativa entre pessoas no exercício de sua cidadania, o desenvolvimento não acontece apenas com a divisão de poder e responsabilidades "induzida" e "controlada" de cima

para baixo, mas pode e deve ser um processo contínuo e socialmente construído de baixo para cima (Pinheiro, 1995).

Na parte prática das oficinas, os técnicos foram divididos em grupos e tiveram a figura de um orientador, que facilitou o entendimento e a execução do exercício. Foram colocadas várias situações diferentes para que eles planejassem as possíveis intervenções agroflorestais em áreas específicas. Cada grupo realizou uma visita à uma propriedade agrícola, onde fez o levantamento, conversou com a família, analisou as possibilidades e propôs as alternativas para os principais problemas encontrados. As intervenções agroflorestais propostas consideraram a propriedade como um todo, ou seja, foi feito o planejamento do manejo da paisagem.

As sugestões foram discutidas entre os participantes e com base nas suas experiências individuais e sob a orientação dos facilitadores, foram feitos os ajustes necessários para sua implementação.

Enfatizou-se ainda a importância do manejo e do monitoramento dos sistemas agroflorestais participativos, como forma de avaliar a sustentabilidade ambiental e econômica, assim como a real efetividade das intervenções propostas.

Ao final de cada oficina, foi feita uma avaliação oral, onde os participantes falaram acerca de suas opiniões, o que consideraram mais importante, como ampliaram suas visões e ainda deram sugestões para futuros treinamentos.

As oficinas atingiram seus objetivos, pois constatou-se o envolvimento e a efetiva participação dos futuros multiplicadores durante todas as etapas do treinamento.

A oferta de treinamentos para disseminação de práticas agroflorestais junto aos profissionais atuantes na assistência técnica e extensão rural é de fundamental importância para a implantação de sistemas de uso da terra que minimizem ambientais negativos.

O processo didático-pedagógico permitiu discutir instrumentos para potencializar as habilidades dos técnicos na busca de soluções coerentes com a realidade local.

REFERÊNCIAS

DE-PAULA, J. C.; PEDRINI, A. de G. Educação Ambiental: críticas e propostas. In: PEDRINI, A de G. **Educação ambiental** - reflexões e práticas contemporâneas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 88-145.

PINHEIRO, S. L. G. O enfoque sistêmico na pesquisa e extensão rural (FSR/E): novos rumos para a agricultura familiar ou apenas a reformulação de velhos paradigmas de desenvolvimento? In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 2., 1995, Londrina. **Anais...** Londrina: IAPAR, SBS, 1995.